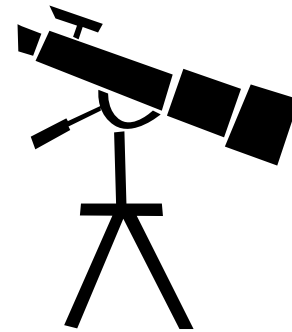




AS VIDAS DOS OUTROS

Pedro Mexia

# AS VIDAS DOS OUTROS



Prefácio de  
Rui Ramos

**LISBOA:**  
TINTA-DA-CHINA  
MMX

## ÍNDICE

As crónicas reunidas neste livro foram originalmente publicadas no suplemento *P2* do jornal *Público*, entre Agosto de 2007 e Setembro de 2010.

© 2010, Pedro Mexia e  
Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A  
1500-627 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *As Vidas dos Outros*  
Autor: Pedro Mexia  
Prefácio: Rui Ramos  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Vera Távares

1.ª edição: Outubro de 2010  
1.ª reimpressão: Novembro de 2010

ISBN: 978-989-671-052-1  
Depósito Legal n.º 317711/10

Prefácio	11
<i>Vidas que ficam, obras que passam</i>	
Defesa de Epicuro	17
<i>Epicuro, 341 a.C.-270 a.C.</i>	
Paulo	20
<i>Paulo de Tarso, c. 9-c. 64</i>	
«Da maneira que fui doente do humor menencorico, e del guareci»	24
<i>D. Duarte, 1391-1438</i>	
Diana e Actéon	27
<i>Ticiano, 1490-1576</i>	
Cranach	30
<i>Lucas Cranach, 1472-1553</i>	
A medida de todas as coisas	33
<i>Andreas Vesalius (Andreas van Wesel), 1514-1564</i>	
Os dois corpos de Van Dyck	36
<i>Antoon van Dyck, 1599-1641</i>	
Um príncipe partido pelo meio	40
<i>D. Afonso VI, 1643-1683</i>	
Händel em Itália	44
<i>Georg Friedrich Händel, 1685-1759</i>	
O episódio de Metz	47
<i>Luís XV, 1710-1774</i>	
Haydn em Esterháza	50
<i>Franz Joseph Haydn, 1732-1809</i>	
O terrível idílio	53
<i>George Sand (Aurore Dupin), 1804-1876</i> <i>Alfred de Musset, 1810-1857</i>	
A cauda do pavão	56
<i>Charles Darwin, 1809-1882</i>	
O rouxinol sueco	59
<i>Felix Mendelssohn, 1809-1847</i>	
O equívoco Gogol	62
<i>Nikolai Gogol, 1809-1852</i>	
A fidelidade alucinada	65
<i>Nadar (Gaspard-Félix Tournachon), 1820-1910</i>	
Pedro e Estefânia	68
<i>D. Pedro V, 1837-1861</i> <i>D. Estefânia de Hobenzollern-Sigmaringen, 1837-1859</i>	

Custer, elogio da derrota <i>George Custer, 1839-1876</i>	71	Bongiorno <i>Mike Bongiorno, 1924-2009</i>	140
O santo divã <i>Sigmund Freud, 1856-1939</i>	75	Dominick e Dominique <i>Dominick Dunne, 1925-2009</i>	143
Agosto azul <i>Manuel Teixeira Gomes, 1860-1941</i>	79	Bizantinices <i>Ives Klein, 1928-1962</i>	147
Capitão Salgari <i>Emilio Salgari, 1862-1911</i>	82	A minha Audrey <i>Audrey Hepburn, 1929-1993</i>	150
O urinol <i>Marcel Duchamp, 1887-1968</i>	86	Solnado <i>Raul Solnado, 1929-2009</i>	153
Guerra sem ódio <i>Erwin Rommel, 1891-1944</i>	89	Alteza sereníssima <i>Grace Kelly, 1929-1982</i>	156
O voo 777 <i>Leslie Howard, 1893-1943</i>	92	Pausa <i>Harold Pinter, 1930-2008</i>	160
Claro enigma <i>René Magritte, 1898-1967</i>	95	E agora? <i>J.G. Ballard, 1930-2009</i>	163
O vermelho e o negro <i>Mark Rothko, 1903-1970</i>	99	Pobre e mal-agradecido <i>Thomas Bernhard, 1931-1989</i>	167
Príncipe incógnito <i>Henri Cartier-Bresson, 1908-2004</i>	102	A balada de Chappaquiddick <i>Edward Kennedy, 1932-2009</i>	171
E terá os teus olhos <i>Cesare Pavese, 1908-1950</i>	105	A infelicidade normal <i>John Updike, 1932-2009</i>	175
Que não haveria mais tempo <i>Olivier Messiaen, 1908-1992</i>	108	A tua juventude se possível <i>Ruy Belo, 1933-1978</i>	178
O chão de Francis Bacon <i>Francis Bacon, 1909-1992</i>	1118	M de artista <i>Piero Manzoni, 1933-1963</i>	181
O rei está a morrer <i>Eugène Ionesco, 1909-1994</i>	115	João Bénard <i>João Bénard da Costa, 1935-2009</i>	184
Ennius Flaianus <i>Ennio Flaiano, 1910-1972</i>	118	Lázaro <i>Dennis Potter, 1935-1994</i>	188
O belo tenebroso <i>Julien Gracq, 1910-2007</i>	121	Lembro-me <i>Joe Brainard, 1942-1994</i>	191
Bergman e Antonioni <i>Michelangelo Antonioni, 1912-2007</i> <i>Ingmar Bergman, 1918-2007</i>	124	Demasiado triste para dizer porquê <i>Bas Jan Ader, 1942-1975</i>	194
O Justo <i>Albert Camus, 1913-1960</i>	127	As vidas interessantes <i>Hugh Massingberd, 1946-2007</i>	198
Sinatra em 58 <i>Frank Sinatra, 1915-1998</i>	130	A princesa tablóide <i>Diana Spencer, 1961-1997</i>	201
O eterno adolescente <i>J.D. Salinger, 1919-2010</i>	133	A dor que não é tua <i>Nicholas Hughes, 1962-2009</i>	204
Rohmer, nosso aliado <i>Eric Rohmer, 1920-2010</i>	136		

PREFÁCIO  
*Vidas que ficam, obras que passam*

**P**EDRO MEXIA REUNIU neste livro os seus exercícios num género pouco comum em Portugal: o ensaio erudito, em que a erudição entra como «base» da reflexão moral e do divertimento culto. Tentar dar conta do que passa por aqui seria como tentar resumir uma enciclopédia. Há de tudo, numa sequência imprevisível: Epicuro no seu jardim ateniense, Paulo na estrada de Damasco, um rei que escreve sobre depressões, um duque que vende Ticianos, os esqueletos de Vesalius, o coração «irrequieto» de Händel, a confissão de Luís XV, os pavões de Darwin, Baudelaire fotografado por Nadar, a sorte do general Custer, a «cabeça feroz» de Sandokan, o mais célebre urinol do mundo, o último voo de Leslie Howard, um músico num campo de concentração, o chão pisado por Francis Bacon, a pessoa que era Frank Sinatra, o postal que era Audrey Hepburn, um grande escritor que se chamou J.G. Ballard, uma morte em Chappaquiddick, as cuecas de Tracey Emin. Não procuremos o fio condutor. Os labirintos só têm graça quando nos perdemos neles.

Creio que os últimos grandes cultores deste género em Portugal, antes de Mexia, terão sido Vitorino Nemésio, nomeadamente com as suas digressões televisivas, que nunca ninguém soube bem onde começavam nem onde acabavam, e, claro, Agustina Bessa-Luís, de quem aliás Pedro Mexia editou uma parte deste tipo de produção. O ensaio erudito é uma arte difícil, porque, ao contrário de outras, supõe uma sociedade culta. A intriga da ficção ou a

efusão lírica têm apreciadores em qualquer meio. Mas o ensaio exige conhecedores, como as refeições muito elaboradas. O livro de Pedro Mexia tem assim, para os portugueses, um certo sentido lisonjeiro.

As matérias de que Pedro Mexia trata derivam de vários saberes: arte, filosofia, religiões, cinema, e outros departamentos. Houve tempos em que tudo isto compunha uma mesma bagagem intelectual, que qualquer cavaleiro podia transportar sem ter de fazer declarações em diferentes alfândegas. Estamos hoje habituados a ver a erudição ao serviço de «teses», reduzida a um predicado utilitário, que valorizamos sobretudo como resultado de especialização e como ponto de partida de demonstração. Perdemos assim as noções mais necessárias. A erudição, como a plumagem de pássaros exóticos, é algo sempre excessivo para qualquer fim que se tenha em vista. A erudição real é necessariamente ociosa, vagamente injustificável. Agustina Bessa-Luís revelou algures que gosta de ler enciclopédias. É assim que se faz um erudito: não a estudar isto e aquilo, mas tudo. A erudição é um desperdício de tempo. Supõe a digressão, a distração. O erudito é o Pedro Mexia, que, depois de ver *O Processo do Rei* de João Mário Grilo, vai para a biblioteca da faculdade procurar o dito processo (que exame terá sofrido com esse devaneio?). Ao contrário do especialista, o erudito não nos quer convencer: quer passar o tempo connosco, discorrer, perder-se, deambular, não ir a lado nenhum, como em qualquer conversa. Quem costuma ler a última página do *Times Literary Supplement*, assinada pelo sempre surpreendente J.C., sabe do que estou a tentar falar. Depois de todos aqueles excelentes artigos a criticar livros e resumir grandes debates, eis o que fica do *TLS*: uma curiosidade vagamente maliciosa. É o sal do *TLS*.

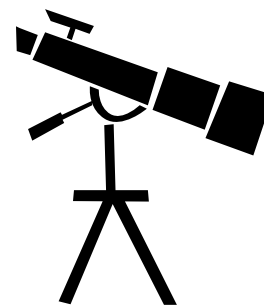
Pedro Mexia escreve sobre a «vida dos outros». Alguns dos outros são escritores, pintores, cineastas, estrelas de cinema, santos da Igreja... Gente com obra, com carreira. Fala-se aqui disso, sempre com interesse. Mas mais do que os produtos do seu trabalho e azáfama, são de facto as suas vidas que ocupam Mexia. Supostamente, os saberes e as artes são deuses ciumentos, não permitindo vidas aos seus cultores. No entanto, desde que há público, esse público nunca conseguiu fazer de conta que Epicuro era apenas o rótulo de um discurso. Na Antiguidade, com a *Vida e as Opiniões dos Filósofos Ilustres*, Diógenes Laércio submeteu a filosofia ao formato da coluna social. No Renascimento, Vasari estabeleceu o cânone e a hierarquia dos artistas do seu tempo com uma *Vida dos Mais Distintos Pintores, Escultores e Arquitectos*. O inesquecível Dr. Johnson, patriarca de todos os eruditos, compôs *A Vida dos Poetas Ingleses*. É como se as obras — teorias, quadros ou poemas — apenas tivessem servido para tornar interessantes as vidas. O próprio Johnson foi vítima disso. Hoje, as suas obras são menos lidas do que a sua vida, escrita por James Boswell. A vida nem sempre é o que passa, mas o que fica, quando todas as obras passam.

As vidas são as dos outros. Mas é a vida interior de Pedro Mexia que aqui está, como aliás acontecia no caso do espião do filme de Florian Henckel von Donnersmarck, que, há uns anos, passou com o mesmo título. A atenção aos outros pode ser a ocupação de um espião, mas é também, provavelmente, a fonte do conhecimento que podemos levar da vida. Bem sei que, acerca de D. Duarte, escreve Pedro Mexia que, «com uma vocação pedagógica, Duarte sabia que o autoconhecimento é que dá autoridade ética para falarmos depois em tese geral». Mas sobre o Gogol que «ninguém conhecia», Pedro Mexia também comenta: «nem sequer sabemos se Gogol se conhecia a si mesmo». Talvez para nos

conhecemos a nós próprios precisemos dos outros e das suas vidas. Só os deuses e os animais podem viver sem os outros. Por isso, os grandes textos das religiões não são geralmente os tratados teológicos, mas precisamente as vidas dos outros — dos profetas, dos santos, dos fiéis. Este podia ser um livro religioso.

RUI RAMOS

## AS VIDAS DOS OUTROS





## DEFESA DE EPICURO

**E**M *THE BOOK OF DEAD PHILOSOPHERS* (2008), Simon Critchley escreve: «Boa parte dos problemas com Epicuro vem das conotações da palavra “epicurista”. Se [...] os Cínicos não eram cínicos, então Epicuro estava longe de ser um epicurista. Pelo contrário, ele advogava a abstenção em quase tudo.» Toda a gente que já leu esse filósofo notou o paradoxo entre as suas ideias austeras e o tal adjetivo que entrou na linguagem comum. Talvez tudo tenha começado com uma calúnia: Epicuro vivia numa comunidade de fiéis, e os seus inimigos sempre suspeitaram desse Jardim atenienense dedicado à especulação e ao culto da amizade. Ainda para mais, a comunidade incluía mulheres, coisa pouco comum à época. Embora Epicuro fosse um sujeito quieto e adoentado, o extremo proselitismo dos seus seguidores tornava o «epicurismo» uma ideologia suspeita, especialmente aos olhos dos Estóicos. O engraçado é que o epicurismo está muito mais próximo do estoicismo do que do hedonismo.

Epicuro nasceu em 341 a.C., em Samos, ilha do Mar Egeu para onde tinham emigrado famílias a quem o Estado havia concedido alguns lotes de terra. A vida de Epicuro coincidiu com o declínio grego após a morte de Alexandre. Isso explica porque é que o filósofo recusou a vida pública e se dedicou à ética privada. Epicuro seguia Demócrito na ideia de que somos feitos de átomos, mas recusava o determinismo materialista. Redigiu mais de 300 textos, mas aos nossos dias chegaram apenas umas tantas máximas (talvez

apócrifas) e um punhado de cartas, nomeadamente a carta a Meneceu sobre as condições da felicidade, editada em Portugal com tradução de João Forte. O tema desta *Carta sobre a Felicidade* é uma pequena revolução: Epicuro abandona os problemas clássicos do conhecimento e da ontologia e estuda apenas a esfera ética individual. Bergson lembrou que Epicuro «desprezava as ciências em geral, considerava as matemáticas falsas e desdenhava a retórica e as letras. O essencial, para ele, é viver feliz; é nisso que consiste o privilégio do sábio [...]». A *Carta* não deixa dúvidas: «Devemos, pois, preocupar-nos com aquilo que cria a felicidade, já que com ela possuímos tudo e sem ela tudo fazemos para a obter.» E como se atinge a felicidade? Através do prazer: «o prazer é o princípio e o fim da vida bem-aventurada». É ele que reconhecemos como um bem, e é para ele que tendemos com toda a nossa energia. Tanto o bem como o mal são sensações, e a sensação é precisamente o critério que distingue o mal e o bem.

Acontece que há bens que são males, e males que vêm por bem. Daí que Epicuro aconselhe grande prudência. Segundo ele, a verdadeira felicidade implica a recusa dos desejos violentos, das ansiedades angustiantes e de todos os excessos. Só assim se atinge uma espécie de beatitude. Como vêm, é de todo impossível confundir epicurismo com hedonismo: «Quando falamos do prazer como de um fim, não falamos dos prazeres dos dissolutos ou daqueles que têm o gozo por residência — como o imaginam algumas pessoas que ignoram a doutrina, não concordam com ela, ou são vítimas de uma falsa interpretação — mas de alcançar o estado em que não se sofre no corpo e não se está perturbado na alma. Pois nem a bebida, nem os festins contínuos, nem os rapazes ou as mulheres de quem se usufrui, nem o deleite dos peixes e de tudo aquilo que pode haver numa mesa faustosa estão na origem

de uma vida feliz, mas o raciocínio sóbrio, que procura as causas de toda a escolha e toda a rejeição e afasta as opiniões através das quais a maior perturbação se apodera da alma.»

Dante pôs Epicuro no Inferno, mas é uma injustiça. A ideia de que a felicidade está numa vida tranquila e frugal devia ser simpática a um cristão. Epicuro explicou que existem prazeres necessários e que garantem o equilíbrio. Mas, tal como os cristãos, notou que outros prazeres são excessivos e não fazem ninguém feliz. Um prazer necessário responde a uma necessidade. Um prazer excessivo faz com que estejamos sempre ansiosos com a sua eventual falta. Era também por isso que Epicuro recusava a sexualidade: porque a sexualidade é uma «tempestade da alma».

## PAULO

**P**AULO DE TARSO, nascido há dois mil anos, não é uma figura que interesse apenas aos cristãos. Os judeus nunca o apreciaram, mas o ensaísta judeu George Steiner chamou-lhe «um dos maiores escritores da tradição ocidental»; os progressistas sempre o consideraram um reaccionário, e no entanto o filósofo marxista Alain Badiou vê nele o arauto de um universalismo messiânico que chegou aos nossos dias.

Quase tudo o que sabemos sobre Paulo está nas suas epístolas (sete de autoria indiscutível e seis provavelmente escritas por terceiros) e nos Actos dos Apóstolos. Que as cartas sejam tão canónicas como os Evangelhos prova a sua importância. Há mesmo quem diga que Paulo «inventou o cristianismo», não apenas com a fundação de igrejas, mas por causa da sua densidade conceptual. Cristo pregava com parábolas ou pelo exemplo, Paulo faz teologia. É o primeiro intelectual cristão.

Paulo nasceu em Tarso, numa família judia sem dificuldades económicas, era cidadão romano e foi um fariseu zeloso. Perseguiu os cristãos, porque os cristãos confundiam dois tempos: o tempo da Lei e o tempo da chegada do Messias. Para Paulo e para muitos judeus, ainda se estava no tempo da Lei, e a ideia de Jesus como Messias era herética. Aconteceu então alguma coisa que não sabemos bem o que foi, mas que Paulo relata como uma revelação, uma luz intensa que o fez cair do cavalo na estrada para Damasco e uma voz que perguntava: «Porque me persegues?» Paulo

fica temporariamente cego e, quando recupera a visão, muda totalmente a sua vida.

A grande revolução paulina consiste na convicção de que a fé em Cristo não se dirige apenas aos judeus, mas a todos. Ele é conhecido como «o apóstolo dos gentios» porque recusou a tese «judaizante» segundo a qual primeiro era preciso ser-se judeu (ou convertido ao judaísmo) e só depois se podia abraçar o cristianismo. Além disso, os judaizantes defendiam o cumprimento estrito da Lei, enquanto para Paulo a Lei era suplantada pelo Espírito, e por isso os rituais e mandamentos judaicos estavam ultrapassados. Nenhuma outra doutrina suscitou tantos ataques. A polémica entre Paulo e Pedro é um dos momentos marcantes de toda a história do cristianismo e revela até que ponto o cristianismo é também uma religião de polémica e confronto, bem diferente de uma certa imagem beatífica e sentimental.

Paulo não conheceu Cristo, mas considera-se tão apóstolo como os doze. Invoca uma autoridade que lhe advém da revelação na estrada de Damasco e da missão a que foi então destinado. Decide por isso levar a Igreja muito além da Palestina. É um viajante incansável e tenaz: Antioquia, Galácia, Filipos, Tessalónica, Colossos, Corinto, Éfeso, provavelmente a Península Ibérica. Figura carismática, causa grande impressão nessas cidades. Só em Atenas fracassa, porque os sofisticados gregos acham ridículo que se diga que alguém «ressuscitou».

A «cristologia» de Paulo é curiosa. Não tendo conhecido Jesus, Paulo quase não se refere aos episódios ou às frases de Cristo vivo. Aquilo que ele valoriza acima de tudo é a morte e ressurreição de Jesus. Cristo morreu pelos pecados dos homens, e esse sacrifício redimiu a humanidade. A cruz é uma imagem obsessiva para Paulo, uma ideia de martírio que visivelmente o impressiona.

E a ressurreição é a garantia da divindade de Cristo: Paulo diz mesmo que se Cristo não ressuscitou a fé é vã. Quando escreve: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim», deixa uma ambiguidade sobre se isso se aplica a todos os crentes ou se é ele, Paulo, uma espécie de escolhido, de representante de Cristo. Por isso, apresenta com frequência as suas credenciais, os riscos e sofrimentos por que passou, as suas viagens, o fervor e a dedicação de décadas.

As epístolas de Paulo são mensagens dirigidas às comunidades que ele fundou. Textos magistrais de estilo e retórica, as cartas contêm um paradoxo. Por um lado, revelam uma elaboração sofisticada. Por outro, concentram-se em respostas e instruções eminentemente práticas sobre dúvidas, dissensões, hábitos, organização e costumes. A noção de comunidade é essencial em Paulo. A comunidade é um «corpo» de que Cristo é a «cabeça», e em nenhum momento Paulo faz um apelo a uma vivência puramente individual.

A Carta aos Gálatas é das mais fascinantes do seu legado. Paulo admoesta esta comunidade da Ásia Menor: «Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus.» É uma afirmação espantosa. Todos somos chamados à fé e à liberdade, uma liberdade nova e uma fé que actua através do amor, ou da Graça. A «justificação pela fé» é provavelmente o conceito teologicamente mais polémico de Paulo, e uma das bases do pensamento protestante. A «justificação» é uma escolha e uma aceitação. E a aceitação é o caminho da salvação. Não que Paulo descure o comportamento: os seus textos estão cheios de recomendações sobre a actuação apropriada de um cristão. Mas, inspirado na sua própria biografia, acentua o encontro com um acontecimento, um acontecimento

decisivo. Um acontecimento que implica uma revolução, pois a fé não é uma filosofia mas uma entrega.

Decapitado pelos romanos, teria já uns setenta anos, Paulo de Tarso terminou como talvez desejasse: com um sacrifício que foi um exemplo.

## A DOR QUE NÃO É TUA

«É COM PROFUNDO PESAR que anuncio a morte do meu irmão, Nicholas Hughes, que morreu pelas suas próprias mãos no dia 16 de Março de 2009.» O comunicado de Frieda Hughes, a filha mais velha de Ted Hughes e Sylvia Plath, impressionou toda a gente que conhece as tragédias que assombram aquela família. Sylvia suicidou-se em 1963, aos trinta anos. Em 1969, a mulher por quem Ted deixou Sylvia, Assia Wevill, matou a filha de quatro anos e suicidou-se. Frieda viveu décadas com uma depressão. E Nick, que sofria do mesmo mal, foi agora encontrado enforcado.

Embora Ted Hughes e Sylvia Plath sejam dois dos mais importantes poetas de língua inglesa, tornou-se quase impossível falar simplesmente de literatura depois dos eventos de 1962/1963, das infidelidades de Ted, do suicídio de Sylvia, dos poemas e diários que Ted censurou ou destruiu. Não há talvez ninguém mais odiado pelas feministas do que Ted Hughes. Até na campa de Sylvia o apelido «Hughes» foi repetidamente riscado da lápide, ao ponto de se ter tornado necessário fazer uma inscrição em bronze. Um grande amigo de Hughes, o poeta e crítico Edward Lucie-Smith, contou-me que nunca conheceu um homem com tanto sucesso com as mulheres como Ted. «Elas faziam bicha à espera dele, e ele às vezes desaparecia à hora do almoço ou a meio da tarde para ter sexo com as fãs» (cito de memória). Amado pelas mulheres, odiado pelas mulheres, Hughes confrontou-se com o seu passado na colectânea *Birthday Letters*, o mais colossal sucesso

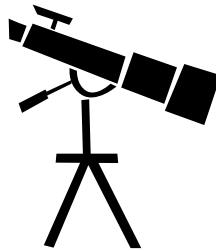
de público e de crítica da poesia inglesa contemporânea. *Birthday Letters* não é tanto uma carta a Sylvia mas uma explicação a Frieda e Nicholas, a quem os poemas são dedicados. Eles só conheceram os trágicos detalhes quando chegaram à adolescência, e viveram depois naturalmente perseguidos por essa cena primordial. Na manhã de 11 de Fevereiro de 1963, depois do mais violento Inverno inglês de que havia memória, Sylvia Plath preparou o pequeno-almoço para os filhos, que dormiam, tapou as frinchas da porta com panos e toalhas molhadas, ligou o gás e meteu a cabeça no forno. Frieda tinha dois anos, Nicholas um. Nunca mais se libertariam do que aconteceu nessa manhã.

Quase meio século depois, Nicholas não escapou ao que parece uma fatalidade dos Hughes. Biólogo marinho, Nick estudou em Oxford e ensinava há vários anos na Universidade do Alasca. Não tinha qualquer relação com o mundo literário de Londres, e isso talvez o tenha protegido por uns tempos. São conhecidas várias fotos dele com os pais, e depois reapareceu em público no funeral de Ted, em 1998 (meses depois da publicação de *Birthday Letters*). As fotografias revelam um homem sério, intenso e, escreveu a imprensa inglesa, «*devastatingly handsome*». Nas cartas e diários de Plath, encontramos o orgulho que ela tinha na ferocidade que ele demonstrou num parto difícilimo, a vaidade que tinha na sua cabeça perfeita, na sua tez morena, nos seus olhos azuis quase negros, na sua tranquilidade sorridente. E regressamos combalidos aos poemas que falam de Nick em *Ariel* (1965) e *Birthday Letters* (1998), dois livros essenciais e terríveis. Eis a mãe, em «Nick and the candlestick»: «Ó amor, como chegaste até aqui? / Ó embrião // Lembrando, até a dormir, / A tua posição atravessada. / O sangue brilha limpo // Em ti, rubi. / A dor / Para que tu acordas não é tua. // [...] Que as estrelas / Caiam direitas na sua negra morada, //

Que os mercúricos / Átomos a manquejar gotejem / No poço terrível, // Tu és aquele / Com a solidez onde os espaços se apoiam, invejosos. / Tu és o menino no celeiro». E o pai, em «Life after Death»: «Os olhos do teu filho, que nos perturbaram / com a tua prega epicântica / dos eslavo-asiáticos, mas que chegariam a ser / tão perfeitamente os teus olhos, / tornavam-se jóias humedecidas, / a mais dura substância da mais pura dor, / enquanto eu lhe dava de comer, na sua alta cadeira branca». Notem em ambos os poemas a linguagem rebuscada e violenta, a única possível para uma comoção brutal no meio de tanto sofrimento.

Homem recatado, Nicholas Hughes amava a natureza e a vida selvagem, como o pai. Era solteiro, teve uma namorada durante muitos anos e agora mantinha uma relação com uma colega. Demitiu-se recentemente da faculdade para se dedicar às suas investigações e a uma paixão criativa e terapêutica, a cerâmica. Em 2004 tinha publicado um artigo científico que explicava porque é que certos peixes nadam contra a corrente no meio da turbulência e não em águas mais calmas junto às margens. Impossível não ver nesse texto uma espécie de poema. Nick sempre procurou águas mais calmas, com os seus olhos azuis quase negros, jóias humedecidas; mas às vezes a corrente é forte demais.

*Agradeço a José Manuel Fernandes, que me convidou; a Bárbara Reis, que me manteve; e à equipa que edita ou editou o suplemento P2: Andreia Sanches, Bárbara Simões, Isabel Salema, Joana Amado, Lucinda Canelas e Paula Barreiros.*



## AS VIDAS DOS OUTROS

FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER TEXT  
E IMPRESSO NA MADEIRA & MADEIRA, ARTES  
GRÁFICAS, SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 80 G,  
NUMA TIRAGEM DE 1000 EXEMPLARES, NO MÊS  
DE NOVEMBRO DE 2010.